

190

# Índios reclamam por melhor atendimento

João Vieira Júnior

Além de reivindicarem uma assistência mais direta por parte da Funai, eles ainda sofrem com outro grave problema: a discriminação social

Da Sucursal de Itanhaém

A população indígena tupi-guarani, que vive nas aldeias do Litoral Sul, está reclamando um atendimento mais efetivo por parte dos órgãos governamentais. Sem uma assistência direta da Funai, cuja sede estadual fica em Bauru, eles ainda enfrentam um problema mais grave: a discriminação social.

O ambientalista Ernesto Zwarg cita como exemplo de abandono a aldeia do Rio Branco, em Itanhaém. Segundo ele, a população há alguns anos era de cerca de 800 índios. Hoje, vivem ali por volta de 120. "O índice de mortalidade infantil cresceu assustadoramente nos últimos meses. Fica fácil de concluir que a falta de assistência médica é a principal causa".

Ele acha que a aldeia não é o local mais adequado para os índios, devido à sua localização distante e pela falta de transporte. "Eles são obrigados a tomar um ônibus, descer na estrada do Mambu, e caminhar a pé 16 quilômetros para chegarem lá", explicou.

Para Zwarg, o maior responsável pelo descaso, além da Funai, é o Governo do Estado, que deveria prestar um auxílio imediato aos índios, principalmente no aspecto social. O único meio de subsistência deles é a feira livre, realizada às sextas-feiras, onde vendem artesanato e palmito *in natura*. "É evidente o choque cultural, pois eles vendem seus produtos para o homem branco, que normalmente acaba por explorá-los. Não existe uma orientação específica para ajudá-los a evitar uma exploração inescrupulosa", argumentou.

**Descaso** — O comerciante Cláudio Oliva tem acompanhado de perto os problemas enfrentados pelos índios. "A Prefeitura de Itanhaém estava patrocinando um caminhão que os transportava da aldeia até a feira, porém suspendeu a condução, alegando falta de recursos. Em razão disso, os próprios índios estão pagando o transporte com o lucro das vendas e quase não sobra nada para eles", disse. Oliva lembra da falta de um local para pernoite, pois eles chegam à Cidade às quintas-feiras e não têm onde dormir. "Eu estou abrindo as portas do Mercado Municipal, para que eles tenham, pelo menos, um teto para dormir", explicou.

Oliva não entende o motivo de tanto descaso por parte dos órgãos responsáveis. "Parece que a falta de recursos, tão alegada pelos governos, está aniquilando uma população inteira, aos poucos", afirmou. O abandono também se verifica na área da assistência médica, embora a aldeia conte com uma farmácia. "Mas, ela está fechada e, aliás, representa um perigo, porque os remédios estão lá dentro. Como não há fiscalização, isso pode levar a uma automedicação, sem nenhuma orientação", alertou.

**Embriaguez** — A falta de fiscalização com relação ao consumo de bebidas alcoólicas acaba prejudicando, ainda mais, a imagem do índio perante a sociedade. A lei determina a proibição do consumo por parte dos índios, mas não é respeitada. Frequentemente são constatados casos de embriaguez envolvendo indígenas nos dias de feira, porém os proprietários de bares, principais



Atualmente, 120 índios vivem na aldeia do Rio Branco, em Itanhaém, número que chegava a 800 até há alguns anos.

responsáveis, não são punidos.

O primeiro-cacique Guarani, Arlindo, disse que representantes da Funai estiveram recentemente na aldeia, mas não deram um prazo ou esperança de resolver rapidamente a questão. "Eles ficam adiando a solução, dizem que estão estudando a melhor forma, e nós continuamos aqui, a conviver com as dificuldades diárias".

O segundo-cacique Guarani, Daniel, acha que a situação poderia ser resolvida com mais rapidez se a so-

ciudadê entendesse o problema e se interessasse em resolvê-lo. "É fácil discriminar nossa gente, mas buscar solução, mostrar boa intenção, isso vêm de poucos", finalizou.